

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**OS SENTIDOS DA PENITÊNCIA NOS CÂNTICOS DAS SANTAS MISSÕES DE
FREI DAMIÃO**

MARIA DA LUZ MASCENA

**Catolé do Rocha – PB
2014**

MARIA DA LUZ MASCENA

**OS SENTIDOS DA PENITÊNCIA NOS CÂNTICOS DAS SANTAS MISSÕES DE
FREI DAMIÃO**

Monografia apresentada ao curso de especialização em fundamentos da educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de especialista em práticas pedagógicas interdisciplinares.

Orientador: Prof. Msc. Rômulo César Araújo Lima

**Catolé do Rocha – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M395s Mascena, Maria da Luz.

Os sentidos da penitência nos cânticos das santas missões de Frei Damião [manuscrito] / Maria da Luz Mascena. - 2014.
43 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima, Letras e Humanidades".

1. Frei Damião. 2. Religiosidade. 3. Cânticos. 4. Penitências. I. Título.

21. ed. CDD 200

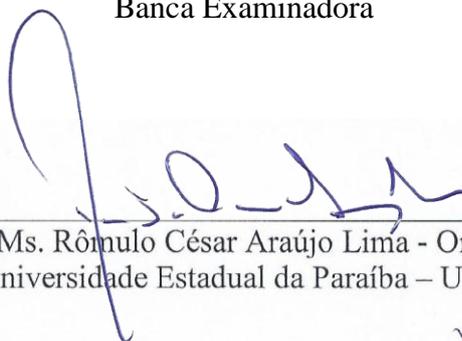
MARIA DA LUZ MASCENA

**OS SENTIDOS DA PENITÊNCIA NOS CÂNTICOS DAS SANTAS MISSÕES DE
FREI DAMIÃO**

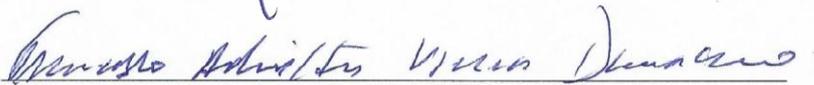
Monografia apresentada ao curso de especialização em fundamentos da educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de especialista em práticas pedagógicas interdisciplinares.

Aprovado em 06/12/2014.

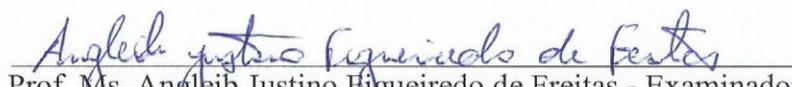
Banca Examinadora



Prof. Ms. Rômulo César Araújo Lima - Orientador
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Ms. Francisco Ademilton Vieira Damasceno - Examinador
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Ms. Angleib Justino Figueiredo de Freitas - Examinador
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Dedico este trabalho a minha filha
querida e a toda minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus todo poderoso, ao meu marido por compreender minha ausência e a minha mãe por exercer as tarefas domésticas disponibilizando de tempo para os meus estudos.

Agradeço de forma em especial a minha filha que me deu força para enfrentar as dificuldades da minha trajetória.

Agradeço de forma unitária ao meu orientador por demonstrar paciência comigo e sob compreender-me nas dificuldades encontradas para elaboração deste trabalho.

Agradeço aos demais professores que ministraram os módulos da especialização e ao coordenador Rômulo, que demonstrou bastante compreensão as minhas necessidades particulares.

O valor da obediência diante de Deus nos é declarado na Sagrada Escritura por aquelas palavras que o profeta Samuel dirigiu a Saul: *“melhor est obediência quan vitimae”* é melhor a obediência do que o sacrifício. O sacrifício é o ato mais sublime do culto com que o homem honra a Deus e reconhece o seu supremo domínio. Portanto, conforme a Sagrada Escritura a obediência é melhor que o sacrifício, quer dizer que ela é o melhor dom que podemos fazer a Deus.

Frei Damião de Bozzano

RESUMO

Do ponto de vista da metodologia, utilizou-se a pesquisa documental, procurando os benditos em um livreto antigo existente a décadas de orações religiosas católicas. A importância da religiosidade popular é procurar dar resposta aos clamores vindos do povo, percebidos na atividade pastoral e também na atenção à realidade eclesial, mesmo antes de defini-la. A religiosidade no Brasil configura-se desde a chegada de grupos étnicos europeus, africanos. Nesse âmbito visionário surgiram os evangelizadores, que se destacavam-se como fortes lideranças devido ao fato de se posicionarem como incentivadores da prática religiosa, fazendo com que os seus seguidores praticassem atos punitivos a seus desvios de conduta, sendo chamada essa ação de penitência ou ato penitencial religioso. O termo religiosidade popular é polissêmico, em nosso estudo foi usado o significado primário, ou seja, daquele que - no uso semântico - se compreende inicialmente como um sistema ou modo de o povo viver sua religião, pois ela deve ser compreendida como um conjunto de práticas simbólicas com raiz popular nas expressões e atitudes: beija-se a cruz, percorre-se a Via Sacra, participa-se de romarias, ajoelha-se diante de túmulos e imagens de santos, rezam-se novenas, fazem-se procissões, pagam-se promessas etc.; são ações que se configuram como práticas religiosas que os seres humanos, na sua vivência religiosa, classificam como penitência cristã aos pecadores. Desenvolvemos um pesquisa com bibliografias referenciadas sobre o sentido da penitência nos cânticos das santas missões de Frei Damião, em que os mesmos se configuram como atos religiosos ao apreço da fé e fidelidade cristã de um povo sofrido, como o povo nordestino, sendo crente que ações penitenciais nas missões populares promovidas pelos missionários capuchinhos poderiam ou podem mudar o seus destinos católicos nos termos da salvação espiritual em outro plano, ou seja, de uma posterior vida. Saltam aos olhos interrogações cada vez mais eloquentes a respeito das interpretações do fenômeno religioso em torno de Frei Damião de Bozzano. O famoso missionário e frade capuchinho foi uma figura importante e polêmica na história do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro. Esta análise é uma abordagem dos benditos de Frei Damião, que até hoje são utilizados em celebrações e tem grande aceitação no meio religioso popular, como fruto do domínio de uma linguagem cantada, que os fiéis aprenderam com os seus pais e avós, permanecendo atualmente nos rituais da igreja católica.

Palavras-chave: Frei Damião. Religiosidade. Cânticos. Penitências.

ABSTRACT

From the point of view of methodology, using the documentary research, looking for the blessed in an existing old booklet decades of Catholic religious prayers. The importance of popular religiosity is to seek to respond to the cries from the people, perceived in pastoral activity and also in attention to the ecclesial reality, even before you set it. Religiosity in Brazil set up since the arrival of European ethnic groups, Africans. In this context the evangelizers, who suggest visionary stood out as strong leaders due to the fact position themselves as promoters of religious practice, causing his followers practiced punitive acts to their workarounds conduct, being called this action of penance or penitential religious act. The term popular religiosity is given its multifaceted, in our study was used the primary meaning, namely, that it use semantic understand initially as a system or the people live their religion, because it must be understood as a set of symbolic practices rooted in popular expressions and attitudes: Kiss the cross, traverses the Via Sacra, participates in festivals, kneels in front of tombs and images of Saints, pray-if novenas, there are processions, paid promises etc.; are actions that are configured as religious practices that humans, in their religious experience, are to be classified as Christian penance to sinners. We developed a survey of bibliographies are referenced on the sense of penance in the chanting of the Holy missions of Frei Damião, in which they are configured as religious acts to the appreciation of the faith and Christian faithfulness of a people suffered, as the people of the Northeast, being a believer that penitential popular missions actions promoted by Capuchin missionaries could or can change their destinations under the Catholic spiritual salvation in another plan, i.e. a later life. Jump to questions increasingly eloquent regarding the interpretations of the religious phenomenon around Frei Damião de Bozzano. The famous missionary and Capuchin friar was an important figure and controversy in the history of Catholicism popular backcountry of northeastern Brazil. This analysis is an approach of the blessed of Frei Damião, which until today are used in celebrations and have great acceptance in popular religious, as a result of the dominance of a language Sung, that the faithful have learned with their parents and grandparents, currently staying in the rituals of the Catholic Church.

Keywords: Frei Damião. Religiosity. Chants. Pences.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVOS.....	14
2.1 Objetivo Geral.....	14
2.2 Objetivos Específicos.....	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 O sentido das santas missões para a população católica regional.....	16
3.2 O efeito da penitência católica das canções religiosas e suas manifestações na mentalidade popular.....	17
3.3 A Cristologia e a fé popular nos atos penitenciais nos cânticos católicos.....	19
4. METODOLOGIA.....	22
4.1 Análise dos Dados.....	24
5. DISCUSSÕES.....	24
5.1 A importância das santas missões para a credence popular nordestina.....	25
5.2 O ato penitencial descrito nas canções dos benditos usadas nas santas missões populares de Frei Damião na região nordestina brasileira.....	26
6. ANÁLISE DOS CÂNTICOS.....	28
7. CONCLUSÕES.....	35
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	37
APÊNDICES.....	39

1 INTRODUÇÃO

Considerar a importância da religiosidade popular é procurar dar resposta aos clamores vindos do povo, percebidos na atividade pastoral e também na atenção à realidade eclesial, mesmo antes de defini-la. A religiosidade no Brasil configura-se desde a chegada de grupos étnicos europeus, africanos e indígenas. Cada uma dessas expressões contribuiu para compor a rica pluralidade religiosa e sincrética da nossa identidade cultural e marca, de forma indelével a maneira de crer e conviver do povo. A história evoluiu, as culturas mudaram, mas esse fenômeno continua fortemente presente nos diversos âmbitos da religião e da sociedade.

A religiosidade é um fenômeno analisado mais profundamente pela sociologia da religião e a antropologia, devido à rica pluralidade e influência sociocultural. Atualmente, é objeto de estudo de muitos teólogos do Brasil e da América Latina, é assunto de várias pesquisas realizadas e constitui tema de congressos e de publicações oficiais da Igreja (AZZI, 1978, p 81).

Segundo Azzi (1978), Os estudiosos das ciências sociais e das ciências das religiões têm pesquisado e oferecido suportes importantes para o trabalho teológico. Publicações elaboradas a partir da análise e estudos do fenômeno religioso o apresentam como realidade presente nas diversas camadas sociais e como elemento de grande importância cultural.

Nesse âmbito visionário das missões populares surgiram os evangelizadores, que se destacavam-se como fortes lideranças devido se posicionarem como incentivadores da prática religiosa, fazendo com que os seus seguidores praticassem atos punitivos a seus desvios de conduta, sendo chamada essa ação de penitência ou ato penitencial religioso.

A religiosidade do Catolicismo popular brasileiro é “*matriz da fé de um povo*”, enquanto movimento presente na Igreja Católica e além dela guardou características populares e disseminou uma espiritualidade espontânea em diversos grupos, associações, pastorais etc (BÜHLMANN, 1989, p 33).

De acordo com Pompa (2003), a história das missões no Brasil teve início com a chegada dos jesuítas em 1534, esses vieram com a comitiva do primeiro governador geral da colônia, Jomé de Sousa, e chefiados por Manoel da Nóbrega. Algumas décadas depois chegaram os carmelitas descalços em 1580, e os benetinos em 1581 e em 1584 os franciscanos. Somente no século XVII, as ordens dos aralorianos em 1611, os mercedários em 1640 e os capuchinhos em 1642 deram início a obra missionária no Brasil.

Desde o início da construção dos campos disciplinares, do corpus teórico e dos instrumentos metodológicos das ciências sociais, a religião tem se encontrado na base de suas preocupações, não apenas como campo empírico privilegiado de investigação, mas, antes, como fundamento epistemológico (POMPA, 2003, p 78).

A Religiosidade Popular, por elementar que pareça, é expressão na América Latina da memória de nossos povos. Quer dizer, nosso continente foi evangelizado e o Evangelho se incorporou a sua própria textura e identidade. Quem ousar interpretar a história da América Latina sem reconhecer a presença da Igreja e os fatores que, a partir da fé, têm dado vida a sua cultura (dentro de uma grande variedade) chegaria a um ponto morto, a um impasse que tenderia a remediar com teorias e invenções que têm a desvantagem de não ser objetiva e nem histórica (BOFF, 1976, p 54).

As santas missões foram introduzidas no Brasil em 1549 pelos missionários, vindos da Itália e os mesmos eram frades a ordem religiosa dos capuchinhos, a onde eles colocavam em destaque o Frei Damião de Bozzanto, sendo que o mesmo apresentava-se cativador e incentivador das fervorosas práticas disciplinares religiosas, em que figurava-se a doação de corpo e alma ao exercício religioso.

As manifestações da força dos pobres a cada dia se fazem sentir persistentes em muitas dimensões e uma delas é a religiosidade. Uma leitura teológica dessa realidade evidenciará a ação do Espírito Santo nas culturas e em suas variadas expressões (AZZI, 1978).

Após os métodos missionários terem dado certo principalmente na população mais pobre e carente talvez de conhecimento, havendo assim a expansão da quantidade de missionários por toda África e na Ásia e especialmente nas colônias portuguesas, Angola, São Tomé, entre outras, as missões populares são a melhor contribuição dos missionários capuchinhos a esses eventos religiosos, capacitando e orientando as comunidades locais no sentido catequista para a religiosidade, fazendo com os habitantes locais acreditassem que por atos penitenciosos os mesmos ficariam livres dos pecados que achariam ter cometido e também construiriam obras comunitárias de grande utilidade comunitária. Esses eventos religiosos ajudariam a diminuir a violência cotidiana da população regional.

No Brasil, essa religiosidade popular que, sob uma aparente unidade enraizada no catolicismo, manifesta de um modo mais amplo, devido à composição étnica do povo brasileiro. O sincretismo religioso é uma realidade que dá margem a uma contraposição entre a religiosidade popular e a oficial, sendo a primeira vista por muitos como uma forma híbrida, isto é, como formas inadequadas de entender e praticar a religião oficial. Por exemplo, as

crenças populares, ainda hoje, incluem um conjunto de crenças oriundo das religiosidades dos povos indígenas e africanos (LIBANIO, 2002).

Segundo Libanio (2002, p 140):

A religiosidade popular apresentasse-nos como algo “distinto” da religiosidade oficial porque sintoniza com o que é diferente e com as características peculiares dos pobres; [...] Os sociólogos e antropólogos ressaltam as profundas diferenças existentes entre a festividade burguesa e a popular, entre o culto de caráter conservador e as expressões culturais do povo, das quais emergiria um protesto profundo contra o poder opressor.

O foco deste estudo é a Religiosidade Popular, não só a religiosidade conforme a definição acima. A religiosidade da qual se pretende tratar é uma realidade que acompanha avida da Igreja Católica, como a religião mais representativa no nosso país. Ela deve ser compreendida como um conjunto de práticas simbólicas com raiz popular nas expressões e atitudes: beija-se a cruz, percorre-se a Via Sacra, participa-se de romarias, ajoelha-se diante de túmulos e imagens de santos, rezam-se novenas, fazem-se procissões, pagam-se promessas etc, são ações que se configuram como práticas religiosas que os seres humanos religiosos classificam como penitência cristã aos pecadores.

2 OBJETIVOS

2.2 Objetivo Geral

Analisar bibliograficamente a recorrência de sentido da penitência na construção do imaginário cristão nos benditos das santas missões e demais atividades católicas realizadas por Frei Damião.

2.3 Objetivos Específicos

- Estudar os sentidos das penitências nos cânticos das santas missões de Frei Damião;
- Compreender o efeito das penitências na mentalidade da população católica local;
- Classificar os tipos de cânticos com penitências mais utilizadas nas missões de Frei Damião na região do sertão paraibano;
- Demonstrar os tipos de penitências mais cantadas nas missões de Frei Damião;
- Identificar através desses cânticos as devoções católicas da população local na época das passagens de Frei Damião nas comunidades católicas locais;
- Analisar a imagem oculta do homem expressada no sentido penitencial exibido nas canções das santas missões populares desvendando suas características pessoais e espirituais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho estudou o sentido das penitências nos cânticos das santas missões de Frei Damião aplicada por ele e seus companheiros capuchinhos nos períodos de catequização, em que os mesmos se caracterizavam como ato de perdão com alívio aos pecados cometidos pela população local que tem como base religiosa a doutrina católica cristã aos mesmos sendo aplicada devido os períodos de catequização pelos frades franciscanos e capuchinos que trabalhavam nessa ação religiosa com a população local. É a partir desse episódio que “as Missões populares são a melhor contribuição dos missionários capuchinhos” (ZAGONEL, 2001, p 219).

Desde a chegada dos Capuchinhos ao Brasil, as Missões eram providas por missionários de diversas Províncias da Itália ou de outros países. Esses eram encaminhados ao Brasil pelos Superiores Gerais e pela Congregação da Propagação da Fé. Mas de acordo com o novo “Estatuto das Missões” (1877) as Províncias seriam responsáveis pelas Missões e deviam implantar a Igreja local e a própria Ordem na região (ZAGONEL, 2001, p 219).

O termo religiosidade popular é polissêmico, em nosso estudo será usado o significado primário, ou seja, daquele que - no uso semântico - se compreende inicialmente como um sistema ou modo de o povo viver sua religião, ou seja, como o povo compreende e acredita na salvação, nos milagres, nas procissões, penitências, festas, moral etc. Além disso, realizamos uma contextualização histórica expressa pelo povo simples. Buscamos também compreender a religiosidade, a partir de uma concepção antropológica, isto é, de um ponto de vista cultural, entendendo a religiosidade como um produto da cultura de uma determinada sociedade.

A certeza dos antropólogos parece advir da seguinte constatação. Todos parecemos convencidos, hoje, de que o homem evoluiu de outras formas, de formas não humanas. Tendo evoluído de formas não humanas, isso significa que a vida é algo contínuo. Existe uma continuidade na vida; se houve continuidade, deve ter aquilo que, em antropologia, chamamos de transição para a humanidade. Essa transição, para os antropólogos, é marcada pela emergência de alguma coisa nova, qualitativamente nova, que se chama capacidade de simbolização (BERNARD, 1999, p 133).

Na busca de uma compreensão mais totalizante do ser humano, a antropologia procura desvendar os mistérios da espécie humana, aproximando-se da diversidade que a

caracteriza. O objetivo dos estudiosos é encontrar o sentido para tanta diversidade. Para tal, mergulham nas origens dos costumes e das crenças dos antepassados.

De acordo com Bernard (1999), Os antropólogos veem na cultura uma porta de acesso para compreender o comportamento humano. A antropologia aproxima-se, através dos estudos, das organizações sociais das tribos, observando o parentesco entre elas, as cerimônias, seus ritos religiosos e a concepção de transcendência que caracteriza a trajetória do processo de humanização da espécie.

Neste contexto a palavra cultura¹¹ adquire uma dimensão mais profunda que a que convencionalmente identificamos como erudição de um povo. Cultura, nessa concepção, é a forma de vida de um grupo de pessoas, os comportamentos apreendidos: tudo que é transmitido às gerações por meio da língua falada e escrita.

É interessante aprofundar no conhecimento de como o povo expressa suas crenças e as transmite. A teologia, como ciência que constantemente reflete sobre a sua práxis, pode ser auxiliada pela antropologia quando se propõe a percorrer o caminho das representações simbólicas do transcendente e as diversas maneiras de revelação do divino que acompanham o ser humano (BERNARD, 1999, p 145).

O foco deste estudo é a Religiosidade Popular, não só a religiosidade conforme a definição acima. A religiosidade da qual se pretende tratar é uma realidade que acompanha a vida da Igreja Católica, como a religião mais representativa no nosso país. Ela deve ser compreendida como um conjunto de práticas simbólicas com raiz popular nas expressões e atitudes: beija-se a cruz, percorre-se a Via Sacra, participa-se de romarias, ajoelha-se diante de túmulos e imagens de santos, rezam-se novenas, fazem-se procissões, pagam-se promessas etc, são ações que se configuram como práticas religiosas que os seres humanos religiosos classificam como penitência cristã aos pecadores.

3.1 O sentido das santas missões para a população católica regional

É numa realidade de contradições que o ser humano está inserido, ou seja, dentro de um processo multicultural e pluriconfessional. Como pensar a fé e o agir cristão na sociedade com suas leis e sistemas, considerando que “o cristão vive em meio a sistemas de imposição”, nos quais em nada se difere dos demais cidadãos, uma vez que deve agir respeitando as leis e os sistemas nos quais está inserido (AZZI, 1978, p 122).

Para Euclides Marchi (1989), como parte desse processo de mudanças na Igreja Católica, através das quais cada localidade deveria seguir as normas estabelecidas pelo Papa, as “práticas culturais” do clero também passam por transformações, ou seja, os leigos passaram a atuar com mais frequência, pois antes do Concílio Vaticano II, em 1965, quem mais atuavam eram os padres. Passa a reformar a estrutura física da igreja, a comprar novos objetos, a atender espiritualmente os fiéis e também a organizar Santas Missões.

A romanização “depreende-se o processo de centralização do poder eclesiástico na figura do papa, o qual organiza e ordena um programa de reformas que afeta a estrutura da Igreja Universal e as manifestações locais” (MARCHI, 1989, p 11).

De acordo com Riolando Azzi (1978), a reforma católica foi um movimento liderado pelo episcopado do Brasil no ano de 1557. Mas esse empreendimento se deve em grande parte à colaboração de religiosos vindos da Europa. Destacam-se em diversas dioceses do Brasil os frades capuchinhos, as filhas de caridade e os padres da missão ou lazaristas.

Questionamentos são feitos constantemente sobre ação e a importância das ações católicas promovidas pelos missionários cristãos do tipo: Qual a importância das Santas Missões realizadas pelos missionários europeus, especificamente os Capuchinhos, nesse processo de romanização? Qual a função exercida pelo missionário Capuchinho, Frei Damião e seus companheiros no sertão nordestino, como “representante” da Igreja no período da década de 1930? Isso confecciona as dúvidas apresentadas na época e até hoje por pessoas que creem no potencial e poder da Igreja católica.

A dimensão do sagrado é, pois para os antropólogos, algo que constitui o homem, na medida em que essa dimensão faz parte integrante do seu processo de vir a ser. Nesse processo de humanização, de transição do animal em homem, a dimensão do sagrado esteve presente na mesma medida em que todas as outras dimensões da cultura. É parte deste homem, como são o cérebro, os músculos, os nervos, os ossos. É alguma coisa que o constitui, da qual não pode prescindir sob pena de se alienar de algo absolutamente essencial à sua existência (BERNARD, 1999, p 41).

O Sagrado não diminui a condição humana, mas lhe acrescenta um horizonte de sentido para realidades não explicadas totalmente e, por vezes, difíceis de serem enfrentadas: doenças, injustiças e a mais forte - a morte.

3.2 O efeito da penitência católica das canções religiosas e suas manifestações na mentalidade popular

O ser humano está em processo contínuo de desenvolvimento. É no ato de construir-se criativamente, no uso da liberdade responsável, que o homem amplia os horizontes dos valores humanos e espirituais. No Brasil, há um sincretismo cultural-religioso fruto do encontro das diversas etnias.

Ganhamos desta pluralidade modos de expressões caracterizadas por crenças diversas: as indígenas, nas quais está presente a reverência à natureza; as europeias, com as religiões de origem judaico-cristã; as africanas, com a riqueza de cultos e ritos. Nessa diversidade, encontramos a religiosidade que mostra que “indivíduos podem pertencer à área de expansão de vários sistemas religiosos(BOFF, 1976, p 157).

Essa afirmativa nos faz pensar a atuação Capuchinha pertencente a um tempo da Igreja Católica, o processo de romanização. Nosso país é marcado por uma heterogeneidade de fontes religiosas. A Igreja Católica, religião oficial desde a colonização, aproveita-se da multiplicidade das manifestações procurando conferir-lhes um caráter sagrado de acordo com os princípios cristãos.

Desde as origens, o cristianismo fez uma simbiose entre duas realidades religiosas: a religiosidade popular tradicional dos povos do mediterrâneo, e depois dos germânicos, eslavos, ou irlandeses, por um lado, e o evangelho de Jesus, por outro. Essas duas realidades foram integradas desde cedo. Depois de Constantino, a fusão foi muito mais intensa (LIBANIO,2002, p 61).

Segundo Marchi (1989), O povo não vive de ideias abstratas, mas do sensível e do concreto: eventos, problemas, ritos, símbolos. Agrada ao povo ver e tocar. “O sensível, como tal, apresenta-se como manifestação do sagrado. Na imagem, encarna-se o santo de devoção; notúmulo, faz-se presente o morto.” Nesse âmbito religioso, o que é de caráter sagrado ou refere-se a ele, é mediado pelo caráter sensível de um símbolo ou objeto.

É difícil precisar onde e como os brasileiros desenvolveram este modo de culto ao sagrado com expressões tão estruturadas. Encontramos uma explicação na assimilação das crenças cristãs e os ritos dos povos que sustenta na fé a responsabilidade que se purificar religiosamente através dos atos cristãs, entre eles para o povo nordestino o ato penitencial antes desenvolvido pelos frades capuchinhos.

Podemos compreender que tanto o pároco, quanto o missionário e também as pessoas que participam das missões são sujeitos humanos que agem no mundo, ou seja, estão inseridos na comunidade em que atuam e são protagonistas da sua história. Assim, da mesma forma que o missionário ensina e transmite as normas da Igreja Católica, também passa a aprender com a comunidade.

Para Zagonel (2001), O europeu italiano passa a aprender a língua usada no Brasil, seja os dialetos indígenas, para aqueles que missionaram nos aldeamentos, ou a língua portuguesa, para aqueles que trabalharam nas missões itinerantes em toda e qualquer região do país.

É uma tentativa de conversar as identidades e a existência desses povos, que sabem que na religião, na sua fé e nas celebrações rituais, podem afirmar a sua modalidade de ser humano e ao mesmo tempo cristão. Essas manifestações religiosas apresentam motivações para preservação das crenças recebidas pelos antepassados.

De acordo com Bernard (1999), Por vezes, ainda existe choque entre a cultura dos colonizadores ou dos evangelizadores e as de tradições indígenas e africanas que “por não se tratar de um encontro de igualdade, falamos de um choque e de domínio cultural. A cultura dos conquistadores tem o seu caráter de uma cultura dominante, p 134.”

3.3 A Cristologia e a fé popular nos atos penitenciais nos cânticos católicos

A vivência espiritual na experiência da religiosidade popular não consisti em mera especulação, mas envolve as manifestações ocorrentes e a consciência dos fiéis em seus atos devocionais e rituais.

Segundo Rubens (2008), A Cristologia debruça-se, reflexivamente, sobre a história de Jesus para nela captar toda a riqueza da verdade sobre o Cristo. A fé em Cristo e a história de Jesus de Nazaré são realidades interdependentes que se remetem, continuamente, uma a outra. A fé popular sustenta o aspecto cristológico nos relatos da história de Jesus que são recontados, repetitivamente, nos santuários dedicados a Jesus; nas encenações da Semana

Santa; nos autos e celebrações do tempo natalino; na procissão de Corpus Christi etc. Na América Latina, a partir de publicações feitas pelos teólogos da libertação, que valorizaram a colaboração da fé popular, os estudos sobre Cristo tiveram novo impulso.

Elaboraram uma cristologia original, também inspirada na vida humana de Jesus, dentro dos conceitos gerais da libertação dos pobres. Na perspectiva latino-americana da libertação, o estudo da vida humana de Jesus era fundamental, porque se tratava justamente de libertar o cristianismo do falso espiritualismo que o paralisou durante tanto tempo e impediu que tivesse uma palavra para o mundo atual (COMBLIN, 1990. p 23).

Por isso, “as Missões e Semanas Santas não representavam, apenas, momentos de construção ou de reforço das ‘lições’ de boa conduta e de civilidade do homem, considerado rude” (SOUSA, 2005:5). Esses eventos religiosos também ajudariam a diminuir a violência cotidiana da população. Nas palavras de Antônio Lindvaldo Sousa:

Essas atividades se constituíam, também, em “espaços” de transmissão de ensinamentos a respeito do pecado, da moral, do julgamento e do inferno. Esses ensinamentos povoariam o imaginário da população, “ajudando” a evitar a violência extrema. (SOUSA, 2008. p 05).

Mas os ensinamentos dos Capuchinhos não representavam apenas a norma eclesial. No cotidiano, a experiência religiosa “representava” muito mais do que os ensinamentos espirituais. Atendia as necessidades da população que, além de “ficarem livres” dos pecados através da penitência, também construíam obras comunitárias de grande utilidade cotidiana. Verifica-se que nas missões os capuchinhos, “porta-vozes” da romanização instruíam o povo nas verdades da fé através da penitência e dos sacramentos. Interferia, de igual modo, na maneira de ser dos fiéis, propondo novas forças de sociabilidades, de convívio na família e na comunidade.

A Igreja deve aproveitar os momentos às festas populares dedicadas a Jesus para oferecer uma catequese litúrgica e cristológica, com adequada pedagogia, ajudando o agir cristão a avançar do mero culto ao seguimento, da sensibilidade subjetiva à solidariedade para com os mais necessitados. A missão, então, supõe inclusão e aprendizagem (SALVATIERRA, 2002. p 87).

Esse reconhecimento da cultura religiosa de nosso povo ajuda na valorização desta realidade e na recuperação de traços importantes da fé vividas e expressas, de modo espontâneo, pelo povo mais simples. Existem registros de festividades religiosas e de devoção aos santos desde a presença dos portugueses na costa brasileira até sua entrada no interior do país.

A religiosidade popular pode expressar uma dimensão que perpassa toda a religião da qual se originou. Muitos pobres em nível do ter, do poder e do saber, celebram a vida – suas esperanças, sofrimentos e vitórias - através dos cultos, romarias e festas próprias, com sensibilidade social, rompendo com o caráter meramente subjetivista. É, sem dúvida, o jeito que o povo encontrou para viver a religião e suas tradições religiosas (SUSS, 1979).

Segundo Marchi (1989), o povo que quer ver, sentir, apalpar e ter a ‘prova’ de que Deus percorre com ele o caminho, precisa ser compreendido numa visão e ação teológico-pastoral que valorize suas novenas, suas ladainhas, procissões e romarias. Tudo isso é fonte pastoral, porque o povo, em sua linguagem e em seus vários gestos de louvor ao Deus Criador e Libertador, deve ser respeitado.

Mantende em vós também a sensibilidade pela piedade popular, que, apesar de diversa em todas as culturas, é sempre também muito semelhante, porque, no fim de contas, o coração do homem é o mesmo. É certo que a piedade popular tende para a irracionalidade e, às vezes, talvez mesmo para a exterioridade. No entanto, excluí-la, é completamente errado. Através dela, a fé entrou no coração dos homens, tornou-se parte dos seus sentimentos, dos seus costumes, do seu sentir e viver comum. Por isso a piedade popular é um grande patrimônio da Igreja. A fé fez-se carne e sangue. Seguramente a piedade popular deve ser sempre purificada, referida ao centro, mas merece a nossa estima; de modo plenamente real, ela faz de nós mesmos “Povo de Deus” (RUBENS, 2008).

A religiosidade popular chega à academia não como um assunto a mais e sim como expressão do cotidiano das manifestações populares em sua fé que manifesta grande reverência ao Absoluto. Tal preocupação encontra eco nos teóricos das diversas áreas do conhecimento: antropólogos, sociólogos, cientistas da religião e teólogos. É questão acadêmica, considerando que a universidade deve ser espaço de exercício do diálogo permanente: com as ciências, com as culturas e com a sociedade; buscando atingir os objetivos acadêmicos - o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para Sousa (2008), a vida do povo cristão requer respostas novas para novas perguntas que estão sempre surgindo. Historicamente, esse fato repete-se continuamente, uma vez que o ser humano está sempre em constante mudança.

O papel desempenhado pelos missionários Capuchinhos no Brasil inicialmente se restringia à conversão do índio. Com a diminuição da população indígena passou a abranger o povo em geral. A partir de então, as missões assumem a forma de Santa Missão, também denominada missões populares ou itinerantes (REGNI, 1991, p. 223).

Para a Igreja Católica, a finalidade mais importante das missões populares capuchinhas era levar o pecador à conversão. No entanto, veremos que as missões realizadas pelos missionários capuchinhos no Brasil, desempenhavam outras funções além dessa esperada pela Igreja. Com a pretensão de compreender as demais funções das missões populares descreveremos como era organizada e como acontecia o desenvolvimento de uma Santa Missão. No entanto, vale ressaltar que as durações bem como as atividades de uma Santa Missão variavam de acordo com a necessidade do momento em que a mesma estava sendo realizada.

De acordo com Regni (1991), para converter o pecador os missionários seguiam geralmente um ritual que se estendia desde a recepção, momento inicial da festividade, em que as pessoas recebiam os capuchinhos até a cerimônia final, com as palavras de despedida dos missionários. A Santa Missão era realizada por um ou mais missionários capuchinhos, incluía um curso de pregações e práticas piedosas que durava geralmente de oito a dez dias.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida com bibliografias referenciadas sobre o sentido da penitência nos cânticos das santas missões de Frei Damião, em que os mesmos se configuram como atos religiosos ao apreço da fé e fidelidade cristã de um povo sofrido, como o povo nordestino, sento crente que ações penitenciais nas missões populares promovidas pelos missionários capuchinhos poderiam ou podem mudar o seus destinos católicos nos termos da salvação espiritual em outro plano de uma posterior vida.

Esse reconhecimento da cultura religiosa de nosso povo ajuda na valorização desta realidade e na recuperação de traços importantes da fé vividas e expressas, de modo espontâneo, pelo povo mais simples. Existem registros de festividades religiosas e de devoção aos santos desde a presença dos portugueses na costa brasileira até sua entrada no interior do país.

A religiosidade popular pode expressar uma dimensão que perpassa toda a religião da qual se originou. Muitos pobres em nível do ter, do poder e do saber, celebram a vida – suas esperanças, sofrimentos e vitórias - através dos cultos, romarias e festas próprias, com sensibilidade social, rompendo com o caráter meramente subjetivista. É, sem dúvida, o jeito que o povo encontrou para viver a religião e suas tradições religiosas (SUSS, 1979).

É o clamor do povo pela conquista da dignidade de filhos de Deus ao qual a Igreja deve estar sensível. Sensibilidade e capacidade de solidariedade são elementos imprescindíveis para o exercício pastoral.

Segundo Marchi (1989), O povo que quer ver, sentir, apalpar e ter a ‘prova’ de que Deus percorre com ele o caminho, precisa ser compreendido numa visão e ação teológico-pastoral que valorize suas novenas, suas ladainhas, procissões e romarias. Tudo isso é fonte pastoral, porque o povo, em sua linguagem e em seus vários gestos de louvor ao Deus Criador e Libertador, deve ser respeitado.

Mantende em vós também a sensibilidade pela piedade popular, que, apesar de diversa em todas as culturas, é sempre também muito semelhante, porque, no fim de contas, o coração do homem é o mesmo. É certo que a piedade popular tende para a irracionalidade e, às vezes, talvez mesmo para a exterioridade. No entanto, excluí-la, é completamente errado. Através dela, a fé entrou no coração dos homens, tornou-se parte dos seus sentimentos, dos seus costumes, do seu sentir e viver comum. Por isso a piedade popular é um grande patrimônio da Igreja. A fé fez-se carne e sangue. Seguramente a piedade popular deve ser sempre purificada, referida ao centro, mas merece a nossa estima; de modo plenamente real, ela faz de nós mesmos “Povo de Deus” (RUBENS, 2008, p 108).

A religiosidade popular chega à academia não como um assunto a mais e sim como expressão do cotidiano das manifestações populares em sua fé que manifesta grande reverência ao Absoluto. Tal preocupação encontra eco nos teóricos das diversas áreas do conhecimento: antropólogos, sociólogos, cientistas da religião e teólogos. É questão acadêmica, considerando que a universidade deve ser espaço de exercício do diálogo permanente: com as ciências, com as culturas e com a sociedade; buscando atingir os objetivos acadêmicos - o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para Sousa (2008), A vida do povo cristão requer respostas novas para novas perguntas que estão sempre surgindo. Historicamente, esse fato repete-se continuamente, uma vez que o ser humano está sempre em constante mudança. Nós Igreja, Povo de Deus, estamos preparados para este desafio?

O papel desempenhado pelos missionários Capuchinhos no Brasil inicialmente se restringia à conversão do índio. Com a diminuição da população indígena passou a abranger o povo em geral. A partir de então, as missões assumem a forma de Santa Missão, também denominada missões populares ou itinerantes (REGNI, 1991, p. 223).

Para a Igreja Católica, a finalidade mais importante das missões populares capuchinhas era levar o pecador à conversão. No entanto, veremos que as missões realizadas pelos missionários capuchinhos no Brasil, desempenhavam outras funções além dessa esperada pela Igreja. Com a pretensão de compreender as demais funções das missões populares descreveremos como era organizada e como acontecia o desenvolvimento de uma Santa Missão. No entanto, vale ressaltar que as durações bem como as atividades de uma Santa Missão variavam de acordo com a necessidade do momento em que a mesma estava sendo realizada.

De acordo com Regni (1991), para converter o pecador os missionários seguiam geralmente um ritual que se estendia desde a recepção, momento inicial da festividade, em que as pessoas recebiam os capuchinhos até a cerimônia final, com as palavras de despedida dos missionários. A Santa Missão era realizada por um ou mais missionários capuchinhos, incluía um curso de pregações e práticas piedosas que durava geralmente de oito a dez dias.

4.1 Análise dos Dados

Esses dados serão de forma expositiva através de correlacionamento entre as diretrizes bibliográficas que expõem definições sobre o sentido da penitência nos cânticos das santas missões de Frei Damião e a importância destas missões para a população do nordeste brasileiro, sendo que, transcorreu para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico. A pesquisa não trouxe ônus financeiro para a pesquisadora, e a coleta de dados como propõe o projeto, possibilitou a obtenção de conhecimento científico relevante e novo sobre a condição religiosa de um povo crente na fé. Esses cânticos estão alguns exemplificados no apêndice (A) deste trabalho.

5 DISCUSSÕES

Saltam aos olhos interrogações cada vez mais eloquentes a respeito das interpretações do fenômeno religioso em torno de Frei Damião de Bozzano. O famoso missionário e frade capuchinho foi uma figura importante e polêmica na história do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro.

Através da atuação dos Capuchinhos em Missões populares verificamos a construção de muitas obras comunitárias relevantes para a comunidade, bem como muitos resultados espirituais batizados, comunhões, casamentos e crismas.

Apresentam-se também os resultados materiais, que são as obras comunitárias e as esmolas angariadas. Durante a missão as pessoas carregavam pedras para construir ou consertar cemitérios, igrejas, capelas, também cavavam tanques para armazenar água e levantavam o Cruzeiro ao final da missão. Somado as obras também arrecadavam dinheiro para Igreja. Verifica-se que nas missões os capuchinhos, “porta-vozes” da romanização instruíam o povo nas verdades da fé através da penitência e dos sacramentos. Interferia, de igual modo, na maneira de ser dos fiéis, propondo novas forças de sociabilidades, de convívio na família e na comunidade (BOFF,1976, p 169).

Nesse sentido, as “práticas”, ou melhor, as ações cotidianas nas comunidades nordestinas realizadas pela população a partir das missões são “representações” das estratégias traçadas pela Igreja no contexto de romanização, com o objetivo de transmitir os ensinamentos do catolicismo através de penitência.

5.1 A importância das santas missões para a religiosidade popular nordestina

A própria noção de religião popular foi objeto de inúmeras tentativas de definição e de contestações frequentemente renovadas, chegando até a dar a impressão de um recomeço indefinido dos mesmos equívocos. Porém, ao nos aprofundarmos, encontramos outras noções, designando os grandes componentes da noção-mãe: preces, devoções, peregrinações...” (SUSS, 1979, p 75).

Neste caso, torna-se menos dificultoso um delineamento do termo religiosidade popular, não pelo que ele representa, mas, ao contrário, pelo que não representa: a

religiosidade popular, portanto, não é corpo eclesial nem corpo doutrinário, configurando-se em uma religiosidade dotada de razoável independência da hierarquia eclesiástica.

Quando se fala da Igreja como sacramento no horizonte maior do povo de Deus, é preciso discorrer sobre aqueles que se congregam pela fé. Esta fé é única em um só Deus, mas expressa de muitas formas. Como já foi explicitada, a noção de povo de Deus é linguagem bíblica, isto é, desenvolve-se a partir do Antigo Testamento, com a formação do povo de Abraão. Porém, existem outros povos que expressam sua fé diferente de nós, mas que também são nossos irmãos, pois Deus é Pai de todos os povos, independentemente de religião.

Ressaltando a dimensão ecumênica do cristianismo encontramos o valor da unidade entre as Igrejas parece-nos um sinal positivo expressivo para a sociedade e de credibilidade para as comunidades cristãs. Assim, ela deve ser assumida pela Igreja para colher os frutos de unidades, dentro da inspiração do Concílio Vaticano II. Deve-se considerar, inclusive, o diálogo com as religiões não cristãs, como atitude de respeito às culturas e às expressões de fé diferentes das nossas e buscar a concórdia na convivência e a superação de injustiças sociais (MARCHI, 1989, p 58).

Considerando os afastados de seu aprisco como seguidores do demônio, intenta a hierarquia eclesiástica estabelecer a hegemonia do catolicismo por meio da imposição das celebrações e da catequese. No entanto, “não conseguiu vencer em profundidade a resistência dos antigos cultos. Estes continuaram a se manifestar, de forma sincrética ou mesmo camuflada, através de formas populares de fé católica, como as festas de santos e romarias” (AZZI, 1978, p. 79).

Esta célere expansão do cristianismo não poderia trazer resultados em que se notasse um aprofundamento das convicções em assuntos de fé por parte do povo. Em outras palavras, o catolicismo oficial, soteriológico e voltado para a salvação da alma, fará frente a um “catolicismo de santos”, em que a figura de Cristo perde importância, a oração dá azas às formulações mágicas e a resolução dos problemas cotidianos tem primazia sobre a salvação da alma.

A religiosidade popular não deve ser estudada buscando-se um modelo padronizado e nisso reside de fato seu encanto como objeto de pesquisa, pois sofre os influxos socioculturais das regiões onde mais fortemente se manifesta. Se possui características que lhe são comuns, nem por isso se apresenta de forma homogênea. Em outras palavras, se o catolicismo procura ser universal, a religiosidade popular é, sem dúvida, regional. No máximo nacional (BERNARD, 1999).

No entanto, seja qual for a linha a ser seguida no estudo da religiosidade popular, deparamos com conceitos básicos e comuns a ela, invariavelmente seguidos por teólogos, historiadores, antropólogos e sociólogos, sem os quais a matéria perde densidade e recai no campo da pura especulação.

Assim como Jesus sabe reconhecê-los e os integra no seu corpo como o verdadeiro povo de Deus, é tarefa da Igreja e da teologia incorporá-los à sua missão preferencial para que seus encargos sejam credíveis. Essa foi a grande luta e missão de Frei Damião em sua extensa obra teológica e na ação missionária como frade (RUBENS, 2008).

5.2 O ato penitencial descrito nas canções dos benditos usadas nas santas missões populares de Frei Damião na região nordestina brasileira

À tardinha, nas missões populares de Frei Damião, cantava-se ou recitava-se o terço com as ladainhas de Nossa Senhora. Prosseguia-se a santa missão com o catecismo para os adultos e o sermão da noite com os benditos. Às nove horas da noite o sino tocava, era o momento de silêncio ou da penitência. Durante as atividades missionárias incluíam-se também visitas aos doentes e presos, quando necessário.

Os benditos eram as “músicas” cantadas pela população e missionários durante as missões. Através da letra desses, os missionários passavam uma mensagem de alegria e esperança e, principalmente, mostravam a necessidade de conversão para aqueles que desejavam alcançar a salvação. Os capuchinhos enfatizavam, através desses, a necessidade da participação de toda a família na Santa Missão.

Algumas estrofes dos benditos que serão mostrados no apêndice (A) revela a importância dada à salvação quando afirma “pois uma alma temos todos e o que importa é se salvar”. Durante toda a missão os capuchinhos falavam da salvação da alma. E através dos sermões e dos benditos mostravam que para purgar os pecados era necessário praticar a penitência. Enquanto parte da multidão carregava pedras, também cantava implorando o perdão.

Durante todos os dias da missão os missionários seguiam um ritual através do qual a comunidade presente participava e inseria-se naquela grandiosa manifestação de fé. Mas, um dos momentos mais solene era a procissão de penitência, onde todos os presentes participavam. Para melhor compreensão relataremos esse momento de penitência descrita

pelo missionário Capuchinho Frei Damião, nas missões populares do Nordeste (BOFF, 1976, p 182).

Na frente ia a cruz paroquial, seguida pelos homens, o vigário, levando o crucifixo dos missionários, ladeado por dois padres, em seguida Frei Damião e, após ele, a multidão das mulheres. Era um espetáculo maravilhoso ver milhares de pessoas, todas concentradas, cantando, os homens e as mulheres em grupos separados, devotos e apropriados benditos de penitência. Era um exército de pessoas contritas que, precedidas da cruz, confessavam sinceramente a própria fé e proclamavam seu Único Senhor, Jesus Crucificado (REGNI, 1991, p. 253).

De acordo com as palavras de Pietro Vittorino, na citação acima, é possível compreendermos que os missionários utilizavam muitos símbolos para levar à multidão que participava da Santa Missão a conversão dos seus pecados. Seu maior símbolo era a cruz. Além da cruz usavam-se velas, os benditos e, principalmente, o discurso utilizado nos sermões.

Segundo Regni (1991), Durante a procissão de penitência as pessoas seguiam ao local preestabelecido que serviria para o “levantamento do Cruzeiro de madeira”. As crianças abriam o cortejo em duas filas, depois as moças e senhoras, por último os homens que transportavam o pesado Cruzeiro nos ombros. O levantamento do Cruzeiro acontecia às três horas da tarde, hora em que Jesus morreu no Calvário. No mesmo lugar, o povo ouvia a pregação do sermão de encerramento.

Mas a pregação do sermão no local escolhido para o levantamento do cruzeiro ainda não representava o final da Santa Missão. Em seguida, o povo em procissão de penitência, com as velas acesas nas mãos, retornava ao lugar da realização da Santa Missão. As pessoas ouviam as palavras de despedidas do missionário capuchinho que pedia ao pároco e a comunidade a construção de uma capela no lugar do cruzeiro. A capela seria o lugar sagrado onde as pessoas convertidas poderiam continuar a receber os sacramentos da Igreja Católica (REGNI, 1991, p. 253).

Para Riolando Azzi essa reforma passava por duas perspectivas distintas e complementares. Em primeiro lugar era necessário uma reforma interna que preparasse o clero para melhor atuar em suas paróquias. A segunda meta visava diretamente o povo, ou seja, esse clero renovado passaria a atuar de maneira a renovar a vida cristã. Para tanto, aponta como meios necessários: frequentes visitas pastorais à diocese, promoção das missões, e divulgação de novas devoções piedosas. (AZZI, 1978, p. 33).

O novo catolicismo social coincide com o surto missionário cristão, provavelmente um dos resultados da renovação da vida religiosa e da espiritualidade. A “emigração das ordens e congregações religiosas levou para as mais distantes e diferentes regiões as experiências do catolicismo social e as novas teses da romanização e da centralização da Igreja” (MARCHI, 1989, p. 23).

As missões tinham como objetivo transmitir a civilização europeia. Nesse contexto de mudanças na sociedade a Igreja adota medidas que transformam suas práticas institucionais, com objetivo de enfrentar esses problemas.

6 ANÁLISE DOS CÂNTICOS

Esta análise é uma abordagem dos benditos de frei Damião que até hoje são cantados nas celebrações e têm grande aceitação no meio social. Ao mesmo tempo, vale mencionar que os referidos cantos apresentam o domínio da linguagem cantada, que os fiéis aprenderam com os seus pais, avós e participando dos rituais da igreja tornando-se parte da cultura local.

Os cânticos que constituem este corpus estão reunidos no livreto “Lembranças das Santas Missões”, cujo o mesmo caracteriza-se de meados da década de 1960 e era utilizado pelos populares regionais para auxiliar nos ritos religiosos durante as missões de Frei Damião, assim como nas procissões da época.

Cântico: Pecador Agora é Tempo.

*“Pecador agora é tempo
De contrição e de temor
Serve a Deus, despreza o mundo,
Já não sejas pecador”*

*“Passam Nesses, passam anos,
sem que busques tu senhor
de um dia para o outro
assim morre o pecador”*

*“Misericórdia vos pedimos,
Misericórdia Redentor,
Pela Virgem, mãe das dores
Perdoai, ó Deus de amor*

*Estamos no tempo santo
Em que pecado faz horror!
Ouvindo a santa missão
Já não sejas pecador.*

Há nesse trecho um detalhe relevante na construção do sentido da penitência a estrofe começa com a palavra “pecador” e termina com a mesma palavra. A construção

imaginária que se revela através do vocábulo citado indica que a pessoa humana não é mais identificada por um nome, mas por uma imagem de um ser portador de um estado de espírito que é o pecado. Existe uma oposição entre o sagrado e o profano, registrada na expressão: “Serve a Deus, despreza o mundo”.

Segundo Amado:

Durante toda a missão os capuchinhos falavam da salvação da alma. E através dos sermões e dos benditos mostravam que para purgar os pecados era necessário praticar a penitência (AMADO, p. 148, 1999).

A expressão “sem que busque a teu senhor” revela uma trajetória sem penitência, nesse sentido, o indivíduo deixa de exercer suas práticas espirituais e de obedecer os ensinamentos doutrinários da igreja. Existe também um duplo sentido do querer a materialidade e ao mesmo tempo querer a eternidade. No terceiro e quarto versos onde o sujeito demonstra a preocupação com a partida repentina para junto do Pai que é um caminho misterioso da matéria humana. “De um dia para o outro assim morre um pecador”

A palavra “Misericórdia” encontra-se repetida na terceira estrofe do cântico por um ser postando-se como um miserável diante do poder supremo do Céu, implorando compaixão, este ser não pediu diretamente por sua pessoa, mas interviu apresentando a imagem de uma mulher pura, de um elo de proximidade com Deus Pai, pois ela está bem próxima da divindade do que o eu, um simples humano aqui na terra. Isto significa reconhecer a própria impotência, o próprio limite como pecador que imaginariamente se apresenta no texto deixando assim transparecer o complexo de inferioridade, sentindo-se fraco, necessitado e mortal diante da submissão ao ser sagrado.

Cântico: Meu Deus, Logo Murchou.

Meu Deus, logo Murchou, logo secou
A flor d’ inocência,
Meu Deus, Logo chegou e me assaltou
Extrema indigência.

Perdoai Senhor, por piedade,

Perdoai a minha maldade, senhor!

Antes sofrer, antes morrer!

Que vos ofender.

Deixei de Deus a Lei, e me entreguei

A toda maldade

Deixei de Deus a Lei, e me afastei da felicidade.

Fazei meu bom Jesus, por vossa cruz,

Do mal me desvie.

Fazei meu bom Jesus, que vossa luz no céu m'alumie.

A primeira estrofe sugere o quebranto da crença do fiel com relação à divindade religiosa, visando a morte da compreensão e da fé entre os pecadores, mas ao mesmo instante poderia ser resgatado por um Deus misericordioso que salva e perdoa os pecados cometidos pelos cristãos.

Segundo Azzi (1978, p. 29) “(...) os missionários capuchinhos instruíam o povo nas verdades da fé através da penitência e dos sacramentos”.

Sendo o mesmo pecado absolvido através de atos penitencias como o pedido simplório de perdão incessantemente pelo possível pecador, que está refletido neste refrão “*Perdoai Senhor, por piedade, Perdoai a minha maldade, senhor! Antes sofrer, antes morrer! Que vos ofender*”. O ato de pedir piedade e perdão consecutivos revela na canção momentos de extremo arrependimento e sofrimento contuso por ter o mesmo pecado, e assim mostra que atos penitenciais executados pelos que cometeram pecados mostra no perdão de Deus, uma ação misericordiosa do todo poderoso. O pecador revela que deixou os seus ensinamentos e caiu na tentação, afastando-se da luz divina e da doutrina cristã, deixando a felicidade de lado. Mas como arrependimento significa uma nova chance, os atos de penitencia revogados aos pecadores fazem com que estes sejam livrados do pecado e tenham um bom lugar no céu através da luz que é o próprio Jesus.

Cântico: Perdão, Meu Jesus.

Perdão meu Jesus, perdão Deus de Amor.

Perdão Deus Clemente, perdoai senhor.

Eis-me aos vossos pés, grande pecador.

Estou arrependido, perdoai, senhor.

Já meus pecados lamento com dor.

Estou arrependido, perdoai, senhor.

Já não mais pecar, quero vos propor.

Estou arrependido, perdoai, senhor.

Há no cântico um trio de palavras, “*Perdão*”, “*Arrependimento*” e “*Perdoai*” elas são bastante exploradas no texto, mas têm um só sentido: reduzir a penalidade, tal entendimento está implícito em sua simbologia; mostra um herói do pecado, expressando o seu dilema, onde o sofrimento traduz suas emoções e suas angustias, prostrando-se de joelhos como forma de penitência no rito de adoração, pois o verso desenvolve esta imagem “*eis-me aos vossos pés, grande pecador*”, sobrepujando o mau que o afugenta, com o propósito da revogação dos pecados que cometeu.

Segundo Amado (1999, p. 150) “Através da letra desses, os missionários passavam uma mensagem de alegria e esperança e, principalmente, mostravam a necessidade de conversão para aqueles que desejavam alcançar a salvação.”

Este canto ecoa a voz da consciência sobre o peso de suas culpas, onde o ser utiliza a dor como instrumento para alcançar a salvação e ainda ser reconhecido como fiel aos designios de Deus. O verso que expressa esta visão religiosa é o seguinte: “Já os meus pecados lamento com dor”.

A expressão “Estou arrependido, perdoai senhor”, que aparece incluído em todas as estrofes, no discurso cantado, são vozes ecoantes num ritual de comunicação do ser humano com a divindade, pois é um ato de culto ao exercício espiritual e é uma filosofia para os devotos que querem tornar-se fenômenos religiosos, diferenciando-se dos outros, ao incorporar normas adotadas por uma sociedade religiosa. Deste modo assumem uma identidade unificada, na busca de viver em fidelidade aos mandamentos da lei de Deus, para ter com facilidade o acesso à vida eterna. Existe também uma proposta de negociação entre o pecador e a divindade como uma forma de conciliação que consta nos seguintes versos: “Já não mais pecar quero vos propor, senhor”; “Estou arrependido, perdoai senhor”. Nesse final de implora a liberdade dos pecados em busca de uma identificação com a igreja, a fim de trilhar os caminhos da salvação.

Cântico: A morrer crucificado.

1. A morrer crucificado, teu Jesus é condenado, por teus crimes pecador/:

Pela virgem dolorosa,
 Vossa mão tão piedosa
 Perdoai-me bom Jesus.

2. Com a cruz é carregada e do peso é acabrunhado, vai morrer por teu amor/:
3. Pela cruz tão oprimido, cai Jesus tão desfalecido, pela tua salvação/:
4. De Maria lacrimosa, tua mão tão dolorosa, Vê a imensa compaixão/:
5. Em eterno desmando, deve auxilio tão cansado, recebeu do Cirineu/:
6. O seu rosto, ensanguentado, por Verônica enxugado, eis no pano apareceu/:
7. Outra vez desfalecido pela dores abatido cai em terra o salvador/:
8. Das matronas piedosas que são filhas chorosas e Jesus consolador/:
9. Cai terceira vez prostrado pelo peso redobrado dos pecados e da cruz/:
10. Dos vestidos despojados por verdugo mostrado , eu vos vejo meu jesus/:
11. Sois por mim a cruz pregado insultado, blasfemado, com cegueira e com furor/:
12. Por meus crimes padeceste meu Jesus, por mim morrestes!/: como é grande a minha dor!/:
13. Do madeiro vos tiraram, e nos braços vos deixaram/: De Maria que aflição!/:
14. No sepulcro vos deixaram, enterraram vos choraram/: Magoado, que aflição!/:
15. Meu Jesus por vossos passos, recebi em vossos braços/: A mim pobre pecador/:

“A cruz” é a palavra principal desta canção religiosa. Encontra-se repetida em várias estrofes, mas se é marcada como símbolo de penitência e ainda remete a vários significados no dicionário. No catolicismo, desde o início da colonização do Brasil, ela era marco de conquista, e também muito usada pelos missionários como forma de exprimir a fé cristã, pois aqueles que a rejeitavam não eram cristãos. No cântico, a simbologia predominante ao significado é uma estaca de tortura e loucura para os que se perdem, tem também o suposto significado de símbolo de salvação, porque eles tinham a dor e o sofrimento como processo de purificação e revogação dos pecados.

O primeiro verso constrói a figura de Jesus como criminoso e ainda no refrão há uma contradição quando o chama de “Bom Jesus”. Desse modo, a estrutura simbólica que circunda o cântico mostra a trajetória de Jesus em penitência através do sofrimento e da condenação, como um exemplo para os cristãos. São ensinamentos para o povo conservá-los como lição de vida eterna e também um meio de alcançar a perfeição.

De acordo com Regni (1991, p. 253) “Era um exército de pessoas contritas que, precedidas da cruz, confessavam sinceramente a própria fé e proclamavam seu Único Senhor, Jesus Crucificado.”

Na linha quatro desta canção apresenta o nome de “Maria”, aquela que representa a imagem de todas as mulheres, que sofrem com os seus filhos encarcerados e condenados a anos de prisão. Pelos erros cometidos. Deixando-lhes de viver em liberdade e de interagir no meio social, tendo assim de forma brusca os seus direitos violados pelos crimes cometidos, cumprindo assim as normas da legislação.

A canção representa em sua simbologia a dura realidade da penitência como drama transcrito. Há uma expressividade metafórica que caracteriza o abismo enfrentado pelo filho de Deus Pai em sua magnitude.

Cântico: Bendita e Louvada seja

Benedita e Louvada Seja

Bendita e louvada seja no céu a divina luz!

E nós também, cá na terra, louvemos a Santa Cruz.

Os Anjos no céu, contentes louvando estão a Jesus

Cantemos também na terra louvores à Santa Cruz.

Aqui bem estamos vendo brilhar uma clara luz;

É que estão do céu caindo reflexos da Santa Cruz.

Já, santa doutrina temos, para nossa guia e luz,

Co’o sangue divino escrita no livro da Santa Cruz.

No mais alto do Calvário morreu nosso bom Jesus,

Dando o último suspiro nos braços da Santa Cruz.

É arma em qualquer perigo, é raio da eterna Luz, Bandeira vitoriosa o santo sinal da Cruz.

Louvores cantemos sempre, em honra da Sta. Cruz.

Para que do negro inferno nos livre. Amém. Jesus.

A palavra “luz” está contida nestes versos, e tem múltiplos significados, mas é possível aludir que no cântico, ela representa a natureza de tudo que é elevado, brilhante e divino, como símbolo sagrado. Esta palavra reflete a imagem de Deus e seu universo celestial.

Conforme Marchi (1997, p. 191) “Assim, o episcopado voltava sua atenção “para o resgate do povo católico, do culto litúrgico, das devoções ao Sagrado Coração de Jesus, da reza do terço, das associações devocionais e da espiritualidade”.

O canto de forma geral é uma manifestação de louvor, das gerações que seguem esta luz, na busca incessante por uma identidade religiosa e um fortalecimento da fé cristã, através da penitência, buscando também a correção dos erros para livrar a alma dos pecados, pois revela imagem do homem sofrido que luta pela salvação. Traça também um perfil dos devotos em um dado momento de adoração, contemplando a luz que revela diversas imagens do cenário celeste.

Analisando o cântico, constatamos a imagem do inferno como sendo negro, num processo de simbolização do mal além da escuridão, dando ideias claras do sofrimento e da condenação. O verso ainda implora livramento dos fundos obscuros do purgatório.

Portanto, é inegável que essa tinta de racismo, que pintou o inferno de negro, marginalizou o “negro” que, na essência da palavra, indica uma raça, cuja característica principal distintiva é a cor da pele, que ao longo dos anos sofre o preconceito racial que está arraigando no seio da humanidade, ferindo assim a identidade desse povo, que tem valores culturais diferentes. Esta imagem de repúdio ao mal, ao inferno, que é simbolizado na cor negra, está refletida no verso que diz: *“Para que do negro inferno nos livre. Amém Jesus”*.

7 CONCLUSÕES

Portanto, de acordo com os resultados obtidos e analisados pode-se concluir que:

A religiosidade popular não deve ser estudada buscando-se um modelo padronizado, e nisso reside de fato seu encanto como objeto de pesquisa em que se compôs esta trabalho, mostrando a devoção, a fé, a dignidade conceptiva de uma população humilde e crente nos seus princípios religiosos.

Instrumento de coesão social, responsável pela construção e manutenção dos valores sociais e conhecimentos importantes, na resolução de conflitos capazes de reproduzir as relações sociais em lugares distantes da cidade e abandonados pela Igreja Católica e pelas autoridades governamentais. Verifica-se que os capuchinhos em missões populares através de suas práticas e prédicas dinamizaram o cotidiano das comunidades nordestinas, principalmente no sertão tendo em foco nossa região, sendo que, por onde eles passaram transformavam os “espaços” em que frequentavam com as suas orientações e sermões, principalmente em destaque Frei Damião em que os fiéis respeitavam e admiravam por causa de sua pregações sobre a ação cristã através das suas missões com seus cânticos em atos penitenciais.

Possui características que lhe são comuns, nem por isso se apresenta de forma homogênea. Em outras palavras, se o catolicismo procura ser universal, a religiosidade popular é, sem dúvida, regional. No máximo nacional. Antes, durante e após a Santa Missão os “espaços” eram transformados, as pessoas se conheciam, relacionavam-se, casavam-se, confessavam-se, eram batizadas, crismadas, comercializavam, produziam relações de solidariedade, trocavam experiências, construía obras para o bem comum, choravam, sofriam, riam, sendo que nesses aspectos as santas missões populares relevavam-se como uma marco popular para a comunidade regional e pelos valores que as mesmas representavam para os habitantes destas localidades pela forte presença dos missionários capuchinhos, em especial Frei Damião, o mais admirado e considerado pelos populares regionais.

No entanto, seja qual for a linha a ser seguida no estudo da religiosidade popular, deparamos com conceitos básicos e comuns a ela, invariavelmente seguidos por teólogos, historiadores, antropólogos e sociólogos, sem os quais a matéria perde densidade e recai no campo da pura especulação.

Ao apresentarmos esses conceitos básicos da religiosidade popular, visamos principalmente aos que iniciam seus trabalhos acadêmicos nessa área, em face do crescente interesse sobre o tema. Sendo assim, de modo os homens, mulheres, jovens ou velhos, muitos possuem um conceito em comum sobre o que é religiosidade e também sobre a forte influência que teve ou ainda tem do frade capuchinho Frei Damião. São enfáticos, sim, ele é considerado um santo pela grande maioria da população nordestina, principalmente do sertão local, em que se rume em palavras escutadas na romaria em homenagem ao aniversário do frei no convento de *São Felix de Cantalice* localizado a Rua José Rodrigues número 160, no bairro Pina, na cidade de Recife estado do Pernambuco, sendo que o convento é um religioso santuário aos frades capuchios que nele residem ou viitam para periodos de concentração, devoção e oração Cristã. Aquele frei capuchinho de baixa estatura e feições rígidas, possui mesmo depois de seu falecimento, grande admiração e respeito por parte dos seus fiéis.

De modo que, para formalizar o que para o povo adebito ao catolicismo e ao cristianismo já tem certeza, pretende-se canoniza-lo, e assim torna-lo um santo em que uma população sofrida e de preceitos religiosos já havia feito, atribuindo assim uma posição real e digna ao que fez tanto pelas comunidades sertanejas com suas pregações e demonstração de fé na palavra de Deus e na existência de Cristo para o povo, com uma transmissão de conhecimento religioso claro através dos cânticos com os atos penitenciais aos próprios fiéis, em vista de sua conversão.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AMADO, Gilberto. **História de Minha Infância**. São Cristóvão, SE: Editora da UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

AZZI, Riolando. **Catolicismo Popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978. Disponível em <http://www.cnbb.org> . Acessado em: 02 de Julho de 2014.

BERNARD, Charles André. **Introdução à Teologia Espiritual**. São Paulo: Loyola, 1999. Disponível em <http://www.pascomsalvador.blogspot.com>. Acessado em: 28 de Julho de 2014.

BOFF, Clodovis. **Teoria do Método Teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998. Disponível em <http://www.pascomsalvador.blogspot.com>. Acessado em: 30 de Julho de 2014.

BOFF, Leonardo. **Catolicismo popular. Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1976. Vol. 36, fasc. 141, p. 1 - 280. Disponível em <http://www.pascomsalvador.blogspot.com>. Acessado em: 30 de Julho de 2014.

BÜHLMANN, W. Apostolado. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 33.

COMBLIN, José. **A composição sociológica da comunidade de Filipos**. Estudos Bíblicos, 1990. N. 25, p. 34 - 42. Disponível em <http://www.cnbb.org> . Acessado em: 30 de Julho de 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 24 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LIBANIO, João Batista. **A Religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

MARCHI, Euclides. **“A Igreja e a Questão Social: o Discurso e a Práxis do Catolicismo no Brasil (1850-1915)”**. (Tese de Doutorado); Universidade de São Paulo; 1989. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br>. Acessado em: 02 de Agosto de 2014.

MARCHI, Euclides. **“A Igreja e a Questão Social: o Discurso e a Práxis do Catolicismo no Brasil (1850- 1915)”**. (Tese de Doutorado); Universidade de São Paulo; 1989.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial**. 2003.

REGNI, Pietro Vittorino. **Os Capuchinhos na Bahia. Os capuchinhos das Marcas e a Fundação da Província de N^a. S^a. da Piedade – I da Prefeitura à Custódia (1892 a 1837)**. Volume III. Trad. Agatângelo de Crato (Frei), Salvador: Impressão Gráfica Editora, 1991.

RUBENS, Pedro. **O Rosto Plural da Fé. Da ambiguidade religiosa ao discernimento do crer**. São Paulo: Loyola, 2008.

SALVATIERRA, Angel. **Evangelização do povo, a partir do povo e com o povo**. São Paulo: Ave - Maria, 2002.

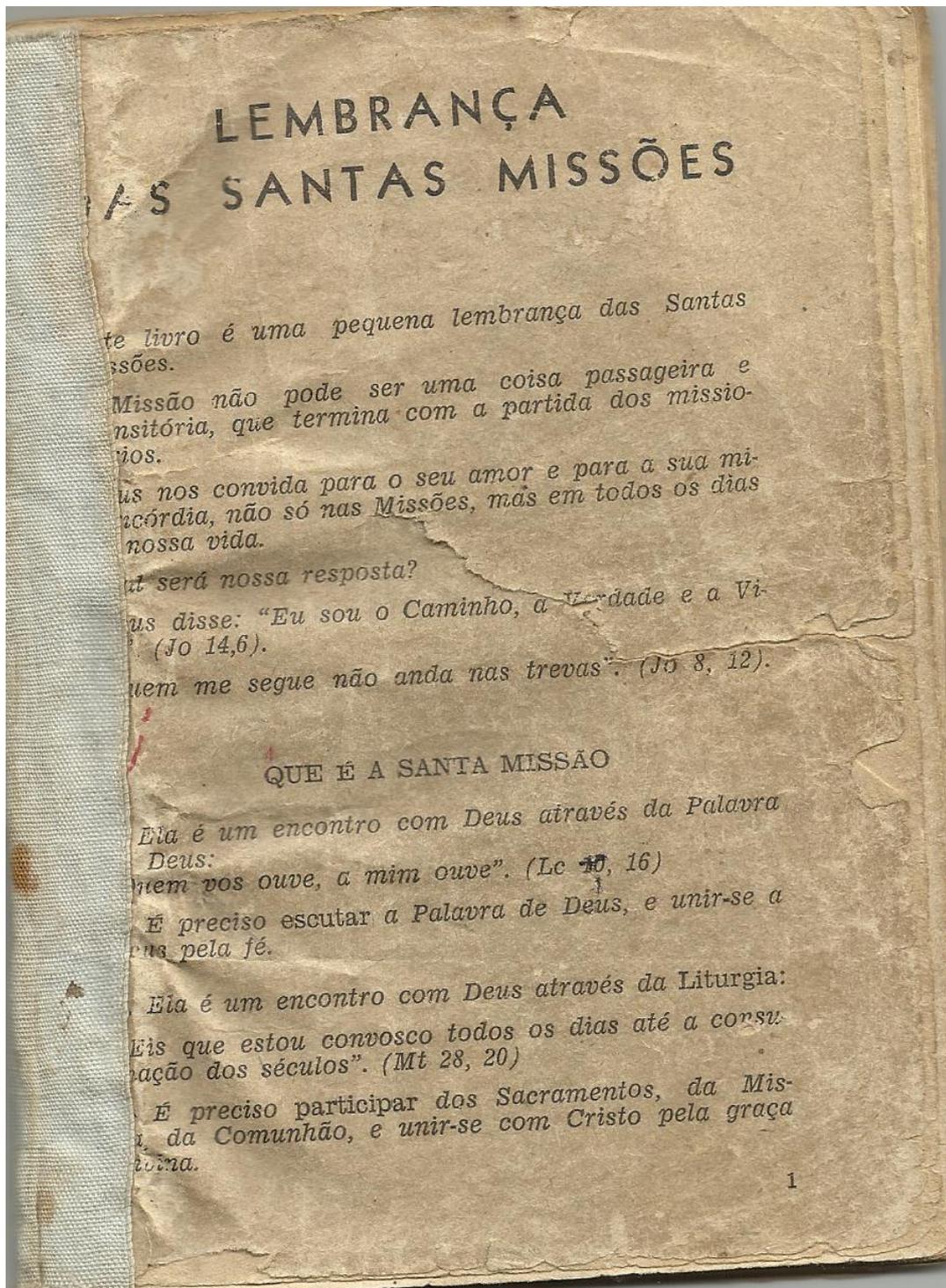
SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Da História da Igreja à História das Religiosidades no Brasil: uma reflexão metodológica.** In: **Temas de Ciências da Religião.** Cícero Cunha Bezerra (Org.) São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Teixeira, 2008. Disponível em <http://www.cnbb.org> . Acessado em: 04 de Agosto de 2014.

SUSS, Gunter Paulo. **Catolicismo Popular no Brasil. Tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida.** São Paulo: Loyola, 1979.

ZAGONEL, Frei Carlos Albino (Org.). **Capuchinhos no Brasil.** RS: Edições EST, 2001.

APÊNDICES

Apêndice A



No vale das sombras o mal é vão temer.
Se vos tenho a meu lado, por que desfalecer.
Pusestes minha mesa para o festim real.
Ungistes-me a cabeça com óleo divinal.

Transborda em minha taça um misterioso vinho.
Consolo e alimento, ao longo do caminho.

A luz e a graça vossa sem fim me seguirão,
E o céu em recompensa um dia me darão.

19. CANTEMOS A JESUS

Cantemos a Jesus Sacramentado
Cantemos ao Senhor.
Deus está aqui! O vinde adoradores,
Adoremos a Cristo Redentor!

*Glória a Cristo Jesus!
Céus e terra, bendizei ao Senhor
Louvor e glória a ti, ó Rei da glória,
Amor p'ra sempre a ti, Deus de Amor.*

Ó rara caridade e real fineza,
Ó doce memorial;
Deus está aqui, com celestial riqueza
Com seu corpo, e sangue divinal.

A nossa voz erguemos a Jesus,
Pedindo proteção!
Ele está aqui, dando consolo e luz
Para a nossa sublime salvação.

20. COM AMOR ETERNO

*Com amor eterno eu te amei
Dei a minha vida por amor.
Agora vai, também ama o teu irmão,
Agora vai, também ama o teu irmão.*

Já não somos servos, mas os teus amigos
A tua mesa nos sentamos pra comermos deste pão.

52

Que nossa amizade se estenda a todos,
Pois o Cristo nos ensina que o amor é dom total.

Terá recompensa até um copo d'água.
O amor que é verdadeiro se traduz em gesto e vida.

Cristo, partilhando sua graça e vida,
Quer que todos, a vivamos sempre entre irmãos.

Se per. a. acermos sempre no amor de Cristo,
Viveremos esta mensagem de esperança e alegria.

O pão de alegria nos alimentou,
Que ele seja nossa força e nos sustente a caminhada.

CANTICOS DE MISSÃO CRIANÇAS

21. DOMINGO É DIA DE MISSA

Domingo é dia de Missa,
Ninguém deve nunca esquecer!
Quem não santifica o Domingo
Só pode a Jesus ofender!

Djm, dom... dim, dom
Vamos à igreja rezar, rezar!
Vamos à igreja rezar!
Dim, dom... dim, dom

22. Ó CRIANÇA, Ó CRIANÇA

Ó Criança, ó criança, onde estás, onde estás?
Vem à missãozinha, vem à missãozinha,
Que é bom, que é bom, que é bom!

23. JESUS ESTÁ CHAMANDO

Jesus está chamando, crianças, atenção!
Quem é que vai cantando comigo à Missão?

Eu vou — eu já vou
Eu vou — eu já vou
Sim, Padre, eu já vou.

53

24. O MEU CORAÇÃO

O meu coração | É só de Jesus,
A minha alegria | É a Santa Cruz.
Nada mais desejo, | Não quero senão,
Que viva Jesus | No meu coração.

Eu só peço a Deus | Na minha oração,
Que viva Jesus | No meu coração.
Em penas e dores | Em dura aflição,
Que viva Jesus | No meu coração.

Nas ruas e praças | Todos ouvirão:
Que viva Jesus | No meu coração
Os ecos dos montes | Me responderão:
Que viva Jesus | No meu coração.

PENITENCIAIS

25. PECADOR, AGORA É TEMPO

Pecador, agora é tempo
De contrição e de temor;
Serve a Deus, despreza o mundo,
Já não sejas pecador.

Passam meses, passam anos,
Sem que busques teu Senhor;
De um dia para o outro
Assim morre o pecador.

Misericórdia vos pedimos,
Misericórdia, Redentor,
Pela Virgem, Mãe das Dores
Perdoai, ó Deus de amor.

Estamos no tempo santo
Em que o pecado faz horror!
Ouvindo a santa Missão
Já não sejas pecador.

26. MEU DEUS, LOGO MURCHOU

Meu Deus, logo murchou, logo secou
A flor d'inocência,

54

Meu Deus, logo chegou e me assaltou
Extrema indigência.

*Perdoai, Senhor, por piedade,
Perdoai a minha maldade, Senhor!
Antes sofrer, antes morrer!
Que vos ofender.*

Deixei de Deus a lei, e me entreguei
A toda maldade.
Deixei de Deus a lei, e me afastei
Da felicidade.

Fazei, meu bom Jesus, por vossa cruz,
Do mal me desvie.
Fazei, meu bom Jesus, que vossa luz
No céu m'alumie.

27. PERDÃO, MEU JESUS

Perdão, meu Jesus, perdão, Deus de Amor.
Perdão, Deus clemente, perdoai, Senhor.

Eis-me aos vossos pés, grande pecador.
Estou arrependido, perdoai, Senhor.
Já os meus pecados lamento com dor.
Estou arrependido, perdoai, Senhor.

Já não mais pecar quero vos propor.
Estou arrependido, perdoai, Senhor.

28. A MORRER CRUCIFICADO

1. A morrer crucificado, teu Jesus é condenado,
/: Por teus crimes pecador /:

*Pela Virgem dolorosa,
Vossa Mãe tão piedosa,
/: Perdoai-me, bom Jesus /:*

2. Com a cruz é carregado e do peso acabrunhado,
/: Vai morrer por teu amor /:

3. Pela cruz tão oprimido, cai Jesus desfalecido,
/: Pela tua Salvação /:

55

4. De Maria lacrimosa, tua mãe tão dolorosa,
/: Vê a imensa compaixão /:
5. Em extremo desmaiado, deve auxílio tão cansado
/: Receber do Cirineu /:
6. O seu rosto, ensanguentado, por Verônica enxu-
gado, /: Eis, no pano apareceu /:
7. Outra vez desfalecido, pelas dores abatido
/: Cai em terra o Salvador /:
8. Das matronas piedosas, de São filhas chorosas,
/: É Jesus consolador /:
9. Cai terceira vez prostrado, pelo peso redobrado
/: Dos pecados e da cruz /:
10. Dos vestidos despojado, por verdugos maltratado
/: Eu vos vejo, meu Jesus /:
11. Sois por mim à cruz pregado, insultado, blasfe-
mado, /: Com cegueira e com furor /:
12. Por meus crimes padecestes, meu Jesus, por
mim morrestes! /: Como é grande a minha dor! /:
13. Do madeiro vos tiraram, e nos braços vos dei-
xaram /: De Maria, que aflição! /:
14. No sepulcro vos deixaram, enterrado vos cho-
raram, /: Magoado o coração /:
15. Meu Jesus, por vossos passos, Recebei em vos-
sos braços /: A mim, pobre pecador /:

OCAÇÕES DIVERSAS

29. VINDE, PAIS, VINDE, MÃES

Vai trabalhar pelo mundo afora
Eu estarei até ao fim contigo
Está na hora, o Senhor me chamou
Senhor, aqui estou.

Dom de amor, é a vida entregar
Falou Jesus e assim o fez
Dom de amor é a vida entregar
Chegou a minha vez.

Teu irmão à tua porta vem bater
Não vás fechar teu coração
Teu irmão à tua porta vem bater
Vai logo socorrer.

Todo o bem que na terra alguém fizer
Jesus no céu vai premiar
Cem por um já na terra ele vai dar
No céu vai premiar.

32. BENDITA E LOUVADA SEJA

Bendita e louvada seja no céu a divina luz!
E nós também, cá na terra, louvemos a Santa Cruz.
Os Anjos no céu, contentes louvando estão a Jesus
Cantemos também na terra louvores à Santa Cruz.
Aqui bem estamos vendo brilhar uma clara luz;
E que estão do céu caindo reflexos da Santa Cruz.
Já santa doutrina temos, para nossa guia e luz,
O'o sangue divino escrita no livro da Santa Cruz.
No mais alto do Calvário morreu nosso bom Jesus,
Dando o último suspiro nos braços da Santa Cruz.
É arma em qualquer perigo, é raio da eterna Luz,
Bandeira vitoriosa o santo sinal da Cruz.
Louvores cantemos sempre, em honra da Sta. Cruz.
Para que do negro inferno nos livre. Amém. Jesus.

33. VITÓRIA, TU REINARÁS

Vitória! Tu reinarás!
Ó Cruz, tu nos salvarás!

Brilhando sobre o mundo / que vive sem tua luz,
Tu és um sol fecundo / de amor e de paz ó Cruz!

Dai que todos com fervorito
Frequentemos a Missão.

É favor da Vossa graça
De nossa alma a salvação,
O Jesus misericordioso
Concedel-nos o perdão!

Vinde pais, vinde mães, vinde filhos,
Vinde todos à Missão
Vinde agora, pois é tempo
De cuidar da salvação!

30. QUEREMOS DEUS

Queremos Deus! Homens ingratos
Ao Pai supremo, ao Redentor
Zombam da fé os insensatos,
Erguem-se em vão contra o Senhor.

Da nossa fé, ó Virgem,
O brado abençoai:

Queremos Deus, que é nosso Rei;
Queremos Deus, que é nosso Pai.

Queremos Deus! um povo aflito,
O doce Mãe, vem repetir
Aos vossos pés, d'alma este grito
Que aos pés de Deus fareis subir.

Queremos Deus e a sã doutrina.
Que nos legou na sua cruz;
Leve à escola e à oficina
A lei de Cristo amor e luz.

Queremos Deus! Na pátria amada
Amar-nos todos como irmãos,
E ver a Igreja respeitada
São nossos votos de cristãos.

31. O SENHOR ME CHAMOU

Aumenta a confiança / do pobre e do pecador,
confirma nossa esperança / na marcha para o
Senhor.

A sombra dos teus braços / a Igreja viverá
por ti no eterno abraço / o Pai nos acolherá.

CANTICOS A N. SENHORA

34. LOUVANDO A MARIA

Louvando a Maria, o povo fiel
A voz repetia de São Gabriel:

Ave, Ave, Ave, Maria!
Ave, Ave, Ave, Ave, Maria!

O Anjo descendo / Num raio de luz,
Feliz Bernadete / A fonte conduz.

A brisa que passa, / Aviso lhe deu,
Que uma hora de graça / Soara no céu.

É um rosto suave, / Brilhante de amor.
Que cerca uma nuvem / De belo esplendor.

Vestida de branco, / Ela apareceu,
Trazendo na cinta, / As cores do céu.

Mostrando um rosário / Na cândida mão,
Ensina o caminho / Da santa oração.

Estrela brilhante, / Celeste visão,
Guiai-nos um dia / A eterna mansão.

35. COM MINHA MÃE ESTAREI

Com minha Mãe estarei na santa glória um dia,
Junto à Virgem Maria! No céu triunfarei!

No céu, no céu, com minha Mãe estarei!
no céu, no céu, com minha Mãe estarei!

Com minha Mãe'estarei / Mas já que hei ofendido
A meu Jesus querido, / As culpas chorarei.

Com minha Mãe'estarei / E que bela coroa
De Mãe tão terna e boa / Feliz receberei.

Com minha Mãe'estarei / Em seu coração terno
Em seu colo materno / Sem fim descansarei.

36. VIVA A MÃE DE DEUS E NOSSA

*Viva a Mãe de Deus, e nossa
Sem pecado concebida,
Viva a Virgem Imaculada!
A Senhora Aparecida!*

Aqui estão vossos devotos
Cheios de fé incendiada,
De conforto e de esperança,
O Senhora Aparecida!

No calvário junto à Cruz,
Com a alma de dor ferida,
Jesus vos fez nossa Mãe,
O Senhora Aparecida!

Protegei a Santa Igreja
Mãe terna e compadecida,
Protegei a nossa Pátria,
O Senhora Aparecida!

37. GRAÇAS VOS DAMOS

*Graças vos damos, Senhora
Virgem por Deus escolhida
Para Mãe do Redentor
O Senhora Aparecida!*

Louvemos sempre a Maria,
Mãe de Deus, autor da vida.
Louvemos com alegria,
A Senhora Aparecida.

Como a rosa entre os espinhos
De graças enriquecida,
Sempre foi pura e sem mancha
A Senhora Aparecida.

Se quisermos ser felizes
Nesta e na outra vida,
Sejamos sempre devotos
Da Senhora Aparecida!

E na hora derradeira,
Ao sairmos desta vida,

Implorai a Deus por nós,
O Senhora Aparecida!

38. DOCE CORAÇÃO DE MARIA

*Doce Coração de Maria
Sede a nossa salvação! (bis)*

Quando corporal doença
Nos causar grave aflição,
Quando de Satã maldito
Nos vier a tentação,

Quando a dúvida maligna
Nos turbar o coração,
Se a vergonha impedir-nos
De fazer boa confissão,

Quando na medonha morte
Vos pedirmos proteção,
Quando chegarmos ao juízo,
Temendo a condenação,

39. DAI-NOS A BÊNÇÃO

*Dai-nos a bênção / ó Mãe querida,
Nossa Senhora / Aparecida!*

Sob esse manto / do azul do céu,
Guardai-nos sempre / no amor de Deus!
Eu me consagro / ao vosso amor!
O Mãe querida / do Salvador!

Sois nossa vida / sois nossa luz,
O Mãe querida / do meu Jesus!

Vamos (Ides) partir / ó Mãe dos céus,
Dai-nos a bênção / Adeus! Adeus!

40. MÃEZINHA DO CÉU

*Mãezinha do Céu, eu não sei rezar
Eu só sei dizer: Eu quero te amar.*